EDITORIAL

Aceitamos o desafio de refletir biblicamente sobre a morte.

Três são as razões principais.

a) A violência e a morte tornaram-se uma realidade sempre mais presente no mundo em que vivemos. No momento em que a nossa sociedade parece estar buscando, de maneira sempre mais irrequieta, uma cada vez melhor qualidade de vida, os sinais de morte crescem de maneira incontrolável: vidas de povos inteiros são sacrificadas ao Moloc do progresso incondicional; a natureza está sendo contaminada de morte, queimada, sufocada pelas fumaças do desenvolvimento; até nos canais da internet trafegam projetos de morte.

Uma das mil facetas da globalização é a globalização da morte, não como realidade universal e inevitável do ser humano, mas como subproduto de uma violência sempre mais global e cada vez menos preocupada com a vida dos outros.

b) A proximidade do terceiro milênio não deixa de provocar ansiedades e expectativas nervosas em muitas pessoas. É como se a humanidade estivesse sendo chamada a uma prestação de contas global. É como se estivéssemos, de alguma forma, chegando a um fim. Isso nos faz pensar na inexorabilidade do tempo que a tudo põe fim, a todos corrói.

c) O terceiro motivo que nos levou a refletir sobre a morte é mais teológico.

O ser humano, com medo da morte, corre sempre o grande perigo de transformar a morte em "religião" e, assim, poder controlá-la.

Esta atitude pode nos levar, de um lado, a considerar como secundária e insignificante a vida humana, a vida corporal e, com isso, a aceitar passivamente o sistema de dominação que nos oprime. É o clássico "ópio dos povos" de que falava Marx.

Fazer da morte uma "religião" pode, por outro lado, produzir um fanatismo sempre incontrolado e capaz de legitimar torturas, extermínios e genocídios. É a lógica da guerra santa. Aliás, a guerra sempre acaba sendo considerada "santa", pelo menos pelos vencedores. É sempre muito bom lembrar que "santas" foram as cruzadas e "santa" também foi chamada a inquisição do "santo" ofício.

Estas foram as razões que nos levaram a organizar uma reflexão bíblica sobre a morte, sem, com isso, pretender encontrar respostas e receitas a desafios tão grandes. Nem mesmo sei se conseguimos escapar da armadilha de fazer da morte

uma "religião" ou se, em algum momento, dissemos, com palavras aparentemente novas, as mesmas coisas de sempre. Não importa.

Mesmo assim, valeu a pena fazer este esforço. Outros deverão contribuir.

Nem todos os convidados aceitaram, sobretudo por falta de tempo. É por isso que este número é mais enxuto do que o normal. Talvez os leitores nos agradeçam por isso.

Ana Maria e Sandro de Macapá produziram três textos.

Coelet foi o ponto de partida para os dois primeiros. Afinal Coelet continua sendo o texto que melhor consegue, desmitificando e até ironizando, olhar a morte cara a cara, evitando cair na cilada alienante da imortalidade.

Ana Maria nos surpreende ao afirmar poeticamente que somente Adam foi condenado a "virar pó". Eva, "a mãe de todos os viventes", continuará sendo a "árvore da vida", mesmo fora do jardim. É por isso que ela denuncia com veemência uma religião quando esta quer separar o pó do espírito, como se somente o espírito fosse de Deus e não o pó. Nesta perspectiva a verdadeira vida seria somente a vida do espírito, lá no paraíso.

"No xeol, para onde vais, não existe obra, nem reflexão, nem conhecimento, nem sabedoria", afirma Coelet. Então a alma, depois da morte, não terá mais o que fazer.

O jardim "paraíso" deve ser reconquistado, apesar dos querubins, porque Jesus veio ao mundo para que todos tenhamos a vida e a tenhamos em abundância.

Eva, mesmo chorando, só aceita duas maneiras de morrer. Aquela que vem depois de uma vida longa e aquela de quem dá sua vida para que todos tenham vida. Contra todas as demais formas de morte Eva continuará lutando. Sempre!

Continuando sua reflexão, nesta mesma linha, Ana Maria e Sandro enfrentam o desafio de entender a afirmação de Coelet 7,26: "A mulher é mais amarga do que a morte!"

Não é possível encontrar uma mulher sequer entre mil, mas podemos, com evidente satisfação masculina, encontrar pelo menos um homem.

Pessimismo? Misoginia? Cultura patriarcal? Realismo?

Nada disso. O conflito está posto entre a mulher e a "sabedoria". Percorrendo a literatura sapiencial, chega-se à conclusão de que sábio e mulher parecem incompatíveis. A razão e o sentimento, a lógica e a sedução, a alma e os sentidos. Parece que o sábio não consegue falar bem da sabedoria sem, ao mesmo tempo, falar mal das mulheres, de todas as mulheres que se recusam a ser a "mulher forte e talentosa" de Pr 31,10, perfeita servidora na casa do sábio.

Coelet, com decisão, resgata a memória do Gênesis que os "sábios" são incapazes de enxergar, a essência do projeto de Deus: o adam e a ishá, juntos e bons.

Tudo estava bem até que eles "procuraram muitos sentidos". Até que começou a "sabedoria". Aí veio a morte. Por culpa dos sábios, não da mulher.

Em nome de todas as mulheres Coelet afirma que o sábio nunca encontrará a mulher que busca. Não porque não existe a mulher ideal, mas porque mulher não é isso que a sabedoria masculina projetou: ishá só é do jeito que o Criador quis!

E, por fim, Sandro trabalha o livro deuterocanônico da Sabedoria. É um texto que reflete de maneira mais orgânica sobre a morte, a vida, a ressurreição e a imortalidade. O autor situa este texto em Judá e o lê a partir do conflito provocado pelo massacre dos fariseus ordenado por Alexandre Janeu. Em evidente polêmica com a cultura globalizante do mundo greco-romano, este livro questiona os conceitos gregos de sabedoria e de imortalidade e afirma com todas as letras que a "justiça de Deus é imortal". A morte violenta dos fariseus provocada pela crueldade de Alexandre não significa o fim da vida. A morte não é páreo para a imortal justiça de Deus. A suprema sabedoria consiste na afirmação de fé: Deus não criou a morte. Sua mão poderosa, capaz de uma justiça imortal, é que vai guardar para sempre a vida dos justos.

Esta afirmação de fé obriga os fariseus a repensar toda a proposta da teologia precedente baseada sobre o conceito de retribuição. Reeditando a antiga memória do Servo de Javé, o nosso texto proclama que a própria perseguição e a morte do "justo" podem vir a ser o sinal da bênção de Deus.

Carlo Roberti do Piauí colabora com uma reflexão interessante, aprofundando a diferença entre ressurreição e imortalidade. Andando através da história, desde o início até a produção da literatura apocalíptica, ele reorganiza o caminho feito pelo povo a respeito da morte e afirma a dimensão coletiva e revolucionária do conceito de ressurreição.

A fé na ressurreição do povo está fundada sobre a fidelidade de Deus à sua promessa que se realiza dentro da história. É a esperança que, em tempo de crise, se renova e se consolida, sobretudo dentro da grande tradição apocalíptica.

A dimensão pessoal da ressurreição não pode ser lida fora desta perspectiva.

Foi assim também com a ressurreição de Jesus. Deus assinou embaixo toda a vida de seu Filho garantindo a vitória final de quem morreu para a vida de todos.

Ser testemunhas da ressurreição significa crer e participar do novo que surge na história e que lhe proporciona um futuro possível. É realizar o sonho de Deus: "que todos tenham vida".

Francisco Rubeaux do Pará mais uma vez nos dá uma contribuição a partir do Evangelho de João, seu xodó bíblico. Ele aprofunda um dos binômios mais marcantes do quarto evangelho: o binômio vida-morte. Sua reflexão gira ao redor do relato da ressurreição de Lázaro. Os cristãos das comunidades joaninas, e os de hoje, imaginavam que a fé no Cristo vivo e ressuscitado os isentaria da doença e da morte. Este

episódio mostra a pedagogia usada por Jesus para que Marta e Maria cheguem a enfrentar a doença e a morte dentro deste movimento que avança rumo ao seu objetivo final que é a vida para todos. Como as mulheres de Betânia, precisamos crer que a Ressurreição e a vida, que estão entre nós, não significam a ausência da morte, mas a nossa capacidade de crer na vida plena, a vida divina que ultrapassa os limites da morte.

Este ato de fé não é somente esperança para um futuro melhor, mas uma força de vida para hoje que nos ajuda a enfrentar todas as formas de morte que quotidianamente invadem nossa existência. "Se chegares a crer, então verás a glória de Deus".

Josimar Azevedo *do Pará encerra este número. Ele nos oferece uma abordagem de uma temática bíblica com enfoque sistemático. Seu ponto de partida é a sociedade moderna que tenta ocultar e neutralizar a morte pelo silêncio ou pelo excesso de palavras. Eutanásia, longevidade, rejuvenescimento, fazem do cientista o novo deus capaz de manipular a morte, mas não conseguem evitar a presença inquietante de milhares de acidentes de percurso.*

O mito da igualdade de todos perante a morte mascara o sistema de desigualdade que ela favorece.

O medo da morte e o medo, sobretudo, do castigo eterno, transformaram-se, por muito tempo, em anúncio da violência de um Deus soberano que se sente ofendido pelos delitos da humanidade e por isso castiga.

A literatura apocalíptica, segundo o autor, mesmo tendo sido um meio para manter a esperança, tem sido interpretada, em suas imagens, como um forte potencial ameaçador. É por isso que se faz necessário redescobrir estes textos, anunciando, com fidelidade, a sua proposta de vida.

O ser humano não é um ser para a morte, mas para a vida. Isto significa afirmar e ao mesmo tempo superar a morte. A vivência de nos sentirmos sempre diante do horizonte da morte dá às nossas ações um caráter urgente e irrepetível, profundamente humano e divino.

O leitor atento encontrará divergências, nem sempre pequenas, entre os próprios autores que escreveram estes ensaios. Isso é sinal da riqueza e da dificuldade do assunto. É a sua vez de dar mais uma contribuição. Esperamos ansiosamente por ela.

Uma boa leitura.

Sandro Gallazzi